

O ESPAÇO-TEMPO ESCOLAR NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE JUVENIL *SCHOOL SPACE-TIME IN BUILDING YOUTH IDENTITY*

Roberta Valeria Guedes,
James Pinheiro dos Santos

RESUMO

O presente artigo aborda a influência da escola na formação da identidade juvenil por meio do uso que a escola faz do tempo-espaço a eles destinado. Como procedimento metodológico realizou-se uma pesquisa exploratória com revisão bibliográfica de fontes diversas: livros, teses, dissertações entre outras. Inicialmente faz-se uma breve passagem pela literatura, apresentando conceitos e opiniões de diferentes autores acerca da identidade juvenil. Em seguida, apresenta-se uma abordagem dos tempos atuais e como isso tem influenciado na formação da identidade juvenil. Após esta etapa, discorre-se sobre o uso que a escola tem feito do tempo-espaço destinado aos jovens, os problemas encontrados, os dilemas recorrentes e as perspectivas para o futuro dos jovens na escola. O estudo mostra as dificuldades encontradas pelos jovens brasileiros em suas trajetórias escolares, seus anseios, suas expectativas. A análise perpassa por diferentes conceitos de juventude, espaço-tempo escolar, escola, jovens e outros elementos pertinentes. O resultado sugere que a escola, mesmo com suas fragilidades e desafios enormes, ainda é avaliada positivamente pela maioria dos jovens. Destaca-se a necessidade de uma revisão nos conceitos sobre o mundo juvenil, seus potenciais, para que a escola venha realmente ser a fonte principal na construção da identidade juvenil para formar o homem, o cidadão, o pai, o profissional e outras formas de identidade.

Palavras-chave: Juventude; Tempo-espaço escolar; Jovens; Escola.

ABSTRACT

This article discusses the influence of school in the formation of youth identity through the use that the school makes of space-time destined to them. As a methodological procedure, an exploratory research was carried out with a bibliographical review of several sources: books, theses, dissertations and others. Initially, a brief passage through the literature is presented, presenting concepts and opinions of different authors about youth identity. Next, it presents an approach of the present times and how this has influenced in the formation of the juvenile identity. After this stage, we discuss the school's use of time-space for young people, problems encountered, recurrent dilemmas and the prospects for the future of young people in school. The study shows the difficulties encountered by young Brazilians in their school trajectories, their expectations, and their expectations. The analysis covers different concepts of youth, school space-time, school, youth and other relevant elements. The result suggests that the school, even with its enormous frailties and challenges, is still evaluated positively by most young people. It is necessary to review the concepts about the youth world, its potential, so that the school can really be the main source in the construction of the youth identity to form the man, the citizen, the father, the professional and other forms of identity.

Keywords: Youth; Time-space school; Young; School.

INTRODUÇÃO

Formar a identidade pessoal é a função mais importante da adolescência, fase da vida em que o indivíduo deixa de ser criança e passa a ser adulto. Erikson (1972) diz que a construção da identidade é o processo de definição do caráter da pessoa, de seus valores e dos rumos que ela deseja seguir na vida. Este processo é influenciado por fatores intrapessoais, interpessoais e culturais. Intrapessoais, porque inclui as características inatas da pessoa e aquelas adquiridas ao longo do tempo. Interpessoais, porque a pessoa interage com seus semelhantes, influenciando e sendo influenciado. E culturais, porque o indivíduo recebe influências dos valores sociais do grupo em que vive e ao qual pertence (SHOEN-FERREIRA et al, 2003).

Neste contexto, a escola é uma das primeiras organizações de convívio do indivíduo. Ela afeta, de alguma maneira, a construção da identidade juvenil. Para isto, o tempo de permanência na escola aliado à tipicidade do espaço escolar traz ao jovem um ambiente tal que exerce sobre ele certo domínio, o qual poderá ser positivo ou negativo, a depender de como esse processo é conduzido. Cabe aqui realçar que ambos os elementos (espaço e tempo) são complementares e cúmplices, e que a noção de espaço não se refere apenas à estrutura física e material da escola, mas envolve diversos tipos de interação: com a instituição escolar, com os amigos, com o outro, com as diferenças, com a ciência e o saber, com os professores e administradores, e com outros atores sociais envolvidos.

Assim, este trabalho surgiu a partir desta ideia: compreender como se dá a influência da escola sobre a formação do jovem, sua identidade. É fundamental que se conheça a importância da escola como formadora de caráter, de identidade de cidadãos e cidadãs, e não apenas como transmissora de conhecimentos e conteúdos pré-elaborados. Cabe, portanto, aos profissionais da educação a responsabilidade sobre a formação estudantil dos jovens que se apresentam na escola.

A hipótese com que se pretende trabalhar neste estudo é a de que o tempo-espaço que os jovens permanecem em processo de escolarização afeta de algum modo a construção de suas identidades. Resta saber, porém, como e de que modo a escola influencia na formação da identidade juvenil e como o tempo tem sido utilizado para que os jovens sejam influenciados pela escola na sua formação. Em outras palavras, quais as características escolares afetam a formação do jovem e que tipo de efeito é este? Positivo ou negativo? Ou é relativo, dependente de outros fatores?

A abordagem do tema se justifica porque evoca a ideia da importância ou influência do espaço e tempo escolares na formação da identidade do jovem. Além disso, o profissional da educação deve conhecer os meandros do relacionamento aluno-escola para saber proceder no dia a dia de sua prática educativa. Enfim, este é um tema relevante para a formação do educador.

Trata-se de uma pesquisa exploratória realizada por meio da consulta e da leitura de livros, teses, dissertações, artigos acadêmicos e outras fontes de consulta. A pesquisa foi realizada nas produções entre 2000 e 2017, em bases eletrônicas de dados, tais como a Scielo e Google Acadêmico. As palavras-chave utilizadas para a busca foram: juventudes, escola, construção da identidade, entre outras. Inicialmente faz-se uma breve passagem pela literatura, apresentando conceitos e opiniões de autores nacionais e internacionais, ZACARÉ (1997), BOSMA (1992),

CAIERÃO (2008), BARRAL (2006) entre outros, acerca da identidade juvenil. Em seguida, faz-se uma abordagem dos tempos atuais e como isso tem influenciado na formação da identidade juvenil. Após esta etapa, discorre-se sobre o uso que a escola tem feito do tempo-espaço destinado aos jovens, os problemas encontrados, os dilemas recorrentes e as perspectivas para o futuro dos jovens na escola.

A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE JUVENIL

A juventude, tal como é conhecida hoje, é, segundo Groppo (2000), uma “invenção” da sociedade moderna. Para eles, a contemporaneidade parece ser um traço marcante das vivências juvenis, da formação de grupos que constroem identidades diferenciadas de acordo com o estilo, os símbolos, a etnia, a classe, o gênero e a localidade. Sendo a juventude uma construção social, histórica, cultural e relacional, seu conceito deve levar em consideração o enquadramento histórico que determina as mudanças, inclusive de sistemas econômicos, como no caso do Capitalismo, que concebeu um espaço simbólico e tornou possível o “surgimento” da juventude na sociedade moderna.

O conceito de juventude é atual. Ele é tratado por diversos autores que pesquisam o desenvolvimento humano, como também pelos aparatos legais mais atuais. O Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) define como adolescência a faixa etária de 12 a 18 anos. O Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013) define juventude como a fase da vida compreendida entre 15 e 29 anos. Parte dos especialistas considera que a juventude vem depois da adolescência, ou seja, dos 19 aos 29 anos. Segundo Freitas (2005), o período juvenil, em determinados contextos e por usos instrumentais associados, pode-se ampliar para baixo e para cima, podendo estender-se entre uma faixa máxima que compreende desde os 12 aos 35 anos.

Esse tempo, em que o jovem vive buscando sua identidade, é marcado por descobertas, conflitos e dualidades, no qual ele almeja alcançar o *status* de adulto e teme ao mesmo tempo sua independência, pois se ressentido de suas experiências infantis, embora se sinta mais capacitado para compreender e refletir sobre o mundo adulto, em sua dimensão individual e social.

Nesta fase, os jovens encontram desafios que mobilizam suas energias, pois são situações relacionadas com suas identidades no mundo, de modo que esta identidade se consolida na medida em que se estabelecem relações com o mundo e com outras pessoas. A convivência é fundamental nesta fase. O sentimento de pertencer a um grupo social também está ligado à construção da identidade juvenil. Além disso, as experiências individuais, atreladas a normas e valores, são a base de confirmação da identidade pessoal dos jovens.

Frezza, Maraschin e Santos (2009) chamam a atenção para uma questão importante a ser considerada quando se fala sobre juventude atualmente: a utilização do termo “juventudes”, a fim de ressaltar as diferenças e as diferentes situações em que se encontram os jovens (FREZZA et al, 2009). Para esses autores, a utilização do termo no plural tem como objetivo alertar para a existência de várias realidades juvenis que se expressam de diferentes formas e são marcadas por diferenças culturais e desigualdades sociais. Desta forma, o processo de construção de identidades decorre das formas de sociabilidade nas quais o jovem está inserido.

Nas sociedades modernas, com o surgimento das grandes cidades, novas formas de sociabilidade e novos processos de socialização são deslançados, permitindo novas e múltiplas identidades (HALL, 2005). Entre eles, há o espaço-tempo em que ocorrem variadas formas de socialização, interação e construção da identidade juvenil. Identidade essa muitas vezes não compreendida pelo público adulto, mas fundamental para a vida presente e futura dos jovens.

Neste contexto, os jovens, enquanto sujeitos sociais que são, constroem um determinado modo de ser. O cotidiano revela uma série de imagens a respeito da juventude, os quais interferem na maneira de compreendê-la. Uma das mais marcantes é aquela imagem que considera o jovem como um ser transitório, como alguém que ainda não tem identidade, mas apenas um “vir a ser”. Isto torna suas ações sem efeito no presente, mas apenas no futuro, quando estiver adulto. Sob essa perspectiva, há uma tendência de encarar a juventude de forma mais negativa, ou seja, algo que o jovem ainda não chegou a ser, negando o presente vivido (SALEM, 1986). Contudo, há a necessidade de reconhecer a singularidade e a pluralidade das juventudes.

Segundo Shoen-Ferreira et al (2003), os jovens podem seguir rumos diferenciados em suas trajetórias na vida. Isto vai depender das suas características pessoais e sociais. Matteson (1972) ensina que há mais de uma crise de identidade durante a fase juvenil. E que o jovem se depara com inúmeras opções. Essas possibilidades são de cunho orgânico e fisiológico na adolescência, e quando a maturidade se aproxima elas são mais voltadas às ideologias de sua época.

Mattheson (1972) explica que, durante a fase juvenil, há três fatores importantes nesta etapa: a exploração e o comprometimento, as possibilidades que foram exploradas e o nível de responsabilidade assumido. Por sua vez, Bosma (1992) acredita que a adolescência é uma fase fértil para ocorrência de traços definitivos de identidade. E somente após o amadurecimento o indivíduo aprende a lidar com aspectos mais complexos e abstratos, tais como: a profissão, casamento, estilos de vida, crenças. Assim, o autor acrescenta que “o adolescente torna-se progressivamente consciente da irreversibilidade de um bom número de escolhas com as quais ele é confrontado” (Ibid, p. 292).

Ainda nesta concepção, Zacarés (1997) reafirma a ideia de Bosma, quando diz ser na adolescência que ocorrem as maiores mudanças na personalidade, embora admita que a identidade se forme durante toda a vida. Para ele, a juventude é a “primeira etapa da vida em que estão reunidos todos os ingredientes para a construção de uma identidade pessoal” (Ibid, p. 2). E conclui dizendo que o jovem, à medida que o tempo passa, vai se preocupando mais com a sua identidade, e isto vai acontecendo naturalmente com a “maturação biológica, o desenvolvimento cognitivo alcançado e as demandas sociais para comportamentos mais responsáveis”.

JUVENTUDE E FORMAS ATUAIS DE CONVIVÊNCIA

No século XXI, segundo Barral (2006), tem-se mais tempo livre, seja pelo aumento do desemprego, pelas reduções da jornada de trabalho, pelas novas tecnologias. Embora as pessoas precisem de dinheiro para certos lazeres, há outros mais baratos e até gratuitos. E entre estes, as festas se tornam uma forma clara de experimentar o lazer. Os jovens de maior poder aquisitivo, acrescenta o autor,

podem estudar mais, fazer especializações, retardando a entrada no mercado de trabalho. Conseguem mais tempo livre para saídas, festinhas, idas aos bares, churrascos, entre outros tipos de sociabilidade. Contudo, é nesse espaço-tempo contraditório que os jovens se articulam em torno de grupos sociais etários, desenvolvendo formas de interação e socialização próprias que os inserem nos rituais da sociedade. Assim ensina o autor:

No tempo livre, [...] as pessoas podem desenvolver ocupações, laços de sociabilidade, adquirir comportamentos. [...] O tempo livre propicia o lazer, que contribui, implicitamente, no processo de socialização e inserção dos indivíduos nos jogos, regras e rituais sociais. Pelas práticas do lazer, ocorreria um tipo de prazer social oculto [...] (BARRAL, 2006, p. 24).

Neste sentido, nem todo dia pode ser entendido como dia de festa, mas é espaço de festejar, interagir e construir a identidade. Assim, a construção das identidades juvenis parece desenvolver-se na interação e socialização com outras identidades, em diferentes espaços. Segundo Foracchi (1965, p. 365), o jovem se configura como elemento em transição no interior da sociedade, pois pode-se definir juventude como “uma fase da vida e uma força social renovadora, um estilo de existência”.

Foracchi (1995) ainda diz que a maturidade do jovem começa com a identidade constituída. Quando se encontra independente, o jovem amplia a capacidade de manter-se por si mesmo, emocionalmente em paz com seu passado e sem obrigação de dividir sua própria identidade. Paralelamente, a cultura tecnológica também influencia esse grupo específico, pois nos dias atuais utiliza-se nova dinâmica de relações sociais: as redes cibernéticas. Sobre este assunto, Martin-Barbero (2003) explica:

Os jovens vivem hoje a emergência das novas sensibilidades, dotadas de uma especial empatia com a cultura tecnológica, que vai da informação absorvida pelo adolescente em sua relação com a televisão à facilidade para entrar e mover-se na complexidade das redes informáticas. [...] os jovens experimentam uma empatia cognitiva feita de uma grande facilidade na relação com as tecnologias audiovisuais e informáticas e de uma complexidade expressiva: com seus relatos e imagens, suas sonoridades, fragmentações e velocidades, nos quais eles encontram seu idioma e seu ritmo. Pois diante das culturas letradas, ligadas à língua e ao território, as eletrônicas, audiovisuais, musicais ultrapassam esta adstrição, produzindo novas comunidades que respondem a novos modos de perceber e narrar a identidade (Ibid, p. 66).

Portanto, destaca-se a internet como espaço privilegiado de interação, mesmo que de forma virtual, proporcionando novos modos de sociabilidade, de

consumo e de apropriação de bens simbólicos (RONSINI; OLIVEIRA-CRUZ e PREDIGER, 2012). Sabe-se que a maioria dos jovens interage nas redes sociais. A interação interpessoal está presente no cotidiano de todos, de forma variada: escola, grupos de amigos, festas noturnas ou caseiras, baladas, redes sociais variadas, entre outros.

A interação interpessoal está presente no cotidiano de todos, de forma variada: escola, grupos de amigos, festas noturnas ou caseiras, baladas, redes sociais variadas, entre outros. Na atualidade, destaca-se a internet como espaço privilegiado de relações, todavia de forma virtual. O cotidiano nos revela que a maioria dos jovens interage nas redes sociais. Este novo modelo de interação proporciona novos modos de sociabilidade, de consumo e de apropriação de bens simbólicos (RONSINI; OLIVEIRA-CRUZ e PREDIGER, 2012).

É neste cenário de construção de identidades, sejam elas individuais, coletivas e sociais ou virtuais, que se percebe a interação como necessidade vital para o ser humano, pois proporciona aprendizagens múltiplas e “supõe, evidentemente, o acolhimento do ‘outro’, uma expansividade coletiva” (BUENO, 2008, p. 58). Por isto, as festas podem ser reconhecidas como espaço-tempo de manifestação das identidades juvenis que “dilui barreiras e fronteiras entre o sagrado e o profano, rico e pobre, branco e mulato (...)” (BUENO, 2008, p. 53), e ganha força como um desses espaços de interação para as juventudes, pois pressupõe participação.

Segundo Bueno (2008), as relações sociais que estão na base dessa manifestação ganham dimensões coletivas e induzem as formas de relacionamento. A presença do outro é festa e quando tudo isso não é verdade, estamos numa “antifesta”. O sujeito da festa é o grupo reunido em consequência do fato valorizado.

Existem, entre os jovens, ‘ritos de sociabilidade’ peculiares que fornecem significados importantes para entendermos como se dão as suas relações. Esses grupos se formam pela existência de gostos afins e vínculos atrelados comumente a relações pré-existentes de amizade, vizinhança ou parentesco (AMARAL, 2009). O lazer, em suas múltiplas formas, também é uma forma de interação e socialização entre as pessoas. Sua influência sobre as juventudes ainda não foi devidamente estudada, mas segundo Dumazedier (1976), pioneiro nesta reflexão sobre o lazer, ao desenvolverem práticas do lazer, as pessoas se relacionam e interagem com valores e conteúdos diversos, proporcionando uma prática associativa e também descanso, distração, entretenimento, divertimento e desenvolvimento humano.

O lazer em bares, por exemplo, é um espaço-tempo para se desenvolver amizades, relacionamentos, na verdade “desenvolvendo laços de sociabilidade, impactando as vivências e representações coletivas e individuais do jovem” (BARRAL, 2006, p. 72), embora, segundo o autor, seja visto por algumas pessoas como uma prática cheia de perigos e não como espaço de trocas e experiências sociais.

O TEMPO E O ESPAÇO NO CONTEXTO ESCOLAR

A ideia de tempo e de espaço é resultado de processo histórico envolvendo o homem (THIESEN, 2011). Para este autor, tempo e espaço são noções decorrentes da ação histórica e social e devem ser entendidas sob o paradigma da modernidade. Porém, para melhor entendê-los, exige-se uma breve retrospectiva. A partir do

século XVI, muitos eventos influenciaram a construção dos conceitos de tempo e espaço, como o próprio Thiesen (2011) afirma:

As transformações sociais vivenciadas pela Europa, sobretudo a partir do século XV, identificadas com o movimento renascentista nos campos da cultura, da política e da ciência e com o fortalecimento da classe burguesa no sistema capitalista repercutiram significativa-mente sobre as formas de organização das instituições, em geral, e da educação, em particular. Essa espécie de revisão ou reforma do pensamento alterou significativamente aspectos da tradição teológico-idealista e retórico-literária da Idade Média, implicando sobre os modos de organização da sociedade, das instituições e dos indivíduos. Como expressa Macedo (2006), o espaço-tempo do currículo traz, sem dúvida, marcas de uma homogeneidade ditada tanto pela cultura do Iluminismo quanto por uma cultura de mercado, características do pensamento moderno. (THIESEN, 2011, p. 3).

Deste texto pode-se deduzir que o renascimento, o declínio das relações comerciais, dando lugar ao sistema capitalista com o fortalecimento consequente da burguesia, a Revolução Industrial com suas influências nas relações sociais e principalmente a divisão social do trabalho, são fatos históricos que propiciaram a formação do conceito de tempo e de espaço que atualmente se tem nos países ocidentais. Inclusive, estas noções de tempo e espaço se fizeram sentir também na cultura e na educação, porquanto os currículos escolares são elaborados com base nestes dois conceitos que se complementam: tempo e espaço.

Neste contexto, Thiesen (2011) diz que essas alterações sutis nos modos de pensar e de conceber o tempo e o espaço, em virtude dos ideários do capitalismo liberal, o que ele chama de “racionalidade científica”, provocou impactos nas formas de se organizar os sistemas educativos dos países capitalistas. O autor diz que “o currículo materializou uma organização escolar arquitetada à luz da objetividade e da funcionalidade do conhecimento científico, fortemente marcada pela fragmentação do saber.” (Ibid, p. 3).

Dentro desta perspectiva, em sua história, o Brasil experimentou primeiro a educação jesuítica, fortemente alinhadas às escolas medievais, lideradas por dois padres: Santo Agostinho e Tomas de Aquino. Essas escolas eram rígidas e primavam pela utilização racional do tempo e do espaço, considerando-os como instrumento útil, a serviço de uma doutrina que deveria ser imposta (THIESEN, 2011). Esta concepção de escola só mudou com as influencias positivistas do final do século XIX. Nessa época, as escolas tiveram seus currículos reorganizados, embora a rotina permanecesse intacta. Sobre isto, veja-se o que Thiesen afirma:

Ainda que tenha havido essa mudança na organização dos currículos, a rotina escolar seguiu enrijecida pelos padrões culturalmente cristalizados. Assim, hábitos assimilados pela rotina escolar, tais como fragmentação dos espaços/tempos de

aprendizagem, objetivação dos procedimentos de ensino, padronização de métodos pedagógicos, agrupamento de alunos por idade ou nível de aprendizagem, fragmentação do currículo por disciplinas, estruturação de horários recortados e rígidos, hierarquização das relações intraescolares, distribuição dos conteúdos escolares por tópicos, determinação de espaços relativamente fixos para cada aluno nas salas de aula, e tantos outros aspectos que marcam a chamada cultura escolar, são construções sociais engendradas desde a Idade Média e reconceitualizadas pela modernidade. (Ibid, p. 5).

O autor complementa que a maioria dessas heranças históricas ainda permanece na base curricular do sistema educativo em grande parte dos países ocidentais.

Perrenoud (2001) corrobora com o pensamento acima descrito. Para ele, a escola moderna ainda mantém o modelo curricular racionalista surgido no século XIX. Sobre isto, ele cita como exemplos do paradigma racionalista de escola: as divisões dos conteúdos escolares em etapas e submetidos a grades horárias, a padronização da idade e a série correspondente, as divisões em classes, o uso de uniformes, entre outros. Estas características, presentes em plena era da modernidade. Perrenoud (2001) argumenta, ainda, que a escola moderna se “complexificou, porém não deixou de submeter-se às exigências de uma racionalidade marcada pela técnica, pela funcionalidade, pela objetividade e pela hierarquia” (Ibid, p. 45).

E, por reproduzir a lógica capitalista, esse modelo convencional não tem tido o êxito esperado. Os insucessos colhidos com este paradigma afetam principalmente as séries iniciais. Sendo um espaço de formação humana, a escola até aqui tem sido apenas instrumento de manutenção do uso racionalista do tempo e do espaço, semelhante ao padrão de alguns séculos atrás. Este quadro passou a ser criticado com veemência a partir dos anos 1950, em função das teorias críticas e pós-críticas disseminadas pela literatura. A maior crítica é a que se refere à lógica do “uso do tempo-espaço como categorias que são objetivadas e controladas a critério dos interesses de classes.” (THIESEN, 2011, p. 6).

Sobre esta crítica à escola, Stenhouse (1985) diz que este padrão de funcionamento escolar vigente remete à ideia de controle social pelas elites. Cambi (1999), por sua vez, afirma que a mudança mais importante sofrida pela escola moderna em relação ao modelo convencional foi a revisão da sua estrutura para formar o homem cidadão, e não mais o homem cristão de antigamente:

Fruto de uma construção histórica e social, a escola moderna foi pensada para atender a formação do homem-cidadão, do homem técnico, do intelectual e não mais a formação do bom cristão, como acontecia na Idade Média. Para tanto, sua estrutura interna precisou também ser revista de modo a se adequar aos objetivos impostos por aquele período. Sua racionalização se deu através da constituição de classes escolares por "classes de idade", através da organização do

ensino mediante a disciplina e a prática de exames (Ibid, p. 392).

Em que pese esta mudança estrutural acima citada, os conceitos racionalistas permanecem como base da utilização do tempo-espaço escolar. Thiesen (2011) alega que, mesmo diante das críticas de pesquisadores, educadores e alguns sistemas educacionais a fim de solucionar os problemas decorrentes desse modelo convencional, as escolas (públicas ou privadas) conservam o uso do tempo e do espaço escolar como ferramenta de controle, de modo “fragmentado, matematizado e hierarquizado”, em nome de uma suposta necessidade de ordem e disciplina. E fazem isto com apoio de muitas famílias conservadoras. (ibid, p. 7).

A infância e a adolescência são os tempos adequados para a formação escolar e educativa da pessoa. Objeto dessa investigação, a adolescência deve ter prioridade sobre o trabalho e outras ocupações. Mas a realidade escolar entre os jovens é deprimente no Brasil. Segundo dados do Programa Nacional de Amostras de Domicílio – PNAD para o ano de 2013 (IBGE/2013 in IPEA, 2015), há disparidade entre o grau de escolaridade entre os jovens de 15 a 17 anos, pois já deveriam estar no Ensino Médio ou já tê-lo concluído. Os números da amostragem apontam que apenas 1,32% haviam concluído o Ensino Médio. E entre os jovens de 12 a 14 anos, que corresponde aos últimos anos do ensino fundamental, os dados mostraram que a imensa maioria (93,3%) tinha o ensino fundamental incompleto e apenas 3,47% haviam completado esse nível de ensino.

O país ainda ocupa posição bem atrás de outros países. É enorme o desafio brasileiro para colocar na escola essa gama de adolescentes que não estão escolarizados. A esse respeito, o IPEA assim relata:

Entre os jovens que não estudam, não trabalham e não procuraram emprego na semana de referência da pesquisa – observam-se as características típicas de exclusão social do país: a maior parte é da raça negra (64,87%); 58% são mulheres e a imensa maioria (83,5%) é pobre e vive em famílias com renda *per capita* inferior a um salário mínimo. Os adolescentes que só trabalham também são, na maior parte, negros (61,46%) e pobres (63,68%). O perfil de exclusão também se repete entre os adolescentes que necessitam conciliar trabalho e estudo, esses são na maioria do sexo masculino (60,75%), negros (59,8%) e pobres (63,03%) (BRASIL, Nota Técnica, 2015, p. 37).

Nota-se, nos dados da pesquisa da PNAD, que há um fator de exclusão social permeando a escolarização dos adolescentes brasileiros, tais como: cor da pele, pobreza e sexo masculino, que são os mais comuns entre os jovens. Outro aspecto relevante a ser destacado é a vitimização do jovem brasileiro, sobretudo o jovem negro. O Mapa da Violência (2012) revela que a principal causa de morte no Brasil são os homicídios e atingem especialmente jovens negros do sexo masculino, moradores de periferia e áreas metropolitanas dos centros urbanos. A propósito, Waiselfisz (2013) assim se refere:

Embora possa parecer o contrário, a vulnerabilidade dos jovens às mortes por armas de fogo é maior hoje do que na década de 80. No conjunto da população, o crescimento da mortalidade por armas de fogo foi de 346,5%, já para os jovens foi de 414%. Segundo a estimativa do Mapa da Violência, o Brasil é o país com maior número de homicídios por armas de fogo no mundo e além do grave fato de a população jovem ser a mais vitimada, também há uma forte seleção racial: morrem 133% mais negros do que brancos (WAISELFISZ, 2013, in IPEA, NOTA TÉCNICA, p. 12).

Portanto, segundo posições inferidas da pesquisa do IPEA (2015), os jovens são mais vítimas do que infratores de crimes contra a vida. Há uma grave questão de vulnerabilidade social na juventude brasileira. E, como tal, as referências indicam no sentido de que essas mazelas sociais são a grande causadora da inserção dos menores de idade no mundo do crime.

Em que pesem as condições sociais a que os jovens estão expostos, para este estudo em particular, o que importa é analisar como a escola tem influenciado a formação da identidade dos jovens. A violência é uma boa sugestão de pesquisas suplementares sobre a juventude. Desta forma, independentemente da estrutura moderna ou clássica, ou deste ou daquele problema, a realidade dos jovens na escola precisa ser explorada. Assim, cabe questionar: como os jovens encaram a realidade escolar? Que sentidos eles dão para as interações que estabelecem no âmbito da escola? Como se revestem acerca do papel de aluno? O que esperam que a escola lhes ensine? E como vivenciam seus momentos no espaço-tempo escolar?

Estas são questões cujas respostas deveriam estar patentes aos profissionais que atuam na escola ou que a ela estão têm responsabilidade profissional. Além destas, outras perguntas poderiam ser feitas no sentido de se investigar como tem sido a influência da escola na construção da identidade juvenil. Caierão (2008), em relatório de pesquisa sobre o tema¹, descreve alguns problemas recorrentes nesta relação alunos-escolas. Para ela, o tempo-espaço escolar ainda não tem sido ofertado e garantido a todos os jovens de modo qualitativo. E afirmar que o interesse pela escola é menor naqueles jovens menos privilegiados não pode ser resposta para a evasão escolar. A autora acrescenta que os estudantes têm consciência da importância da escola, mas que eles têm que driblar fatores de ordem socioeconômica e os encontrados na própria escola, “os quais corroem seus projetos e aniquilam seus sonhos” (CAIERÃO, 2008, p. 6).

Charlot (2001) cita a escola como espaço para o encontro juvenil. Segundo ela, um dos poucos disponíveis aos jovens. A autora justifica dizendo que a famílias, muitas vezes, para proteger os filhos, restringem por demais a liberdade de ir e vir dos adolescentes. E acrescenta:

¹ Caierão desenvolveu o estudo na cidade de Passo Fundo, interior do Rio Grande do Sul, em 2006 e 2007, em duas escolas públicas de Ensino Médio, apresentado como Tese de Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2008.

A escola, como espaço privilegiado de socialização, parece cumprir parte de sua missão original: ajudar jovens a conviver, a aprender e a passar do mundo juvenil para o adulto. Mas é importante também perguntarmos sobre quais os conhecimentos que os jovens aprendem na escola quanto à cidadania e à vida coletiva. Que atitudes, normas e valores a escola tem ensinado? (CHARLOT, 2001, p. 45).

Portanto, mesmo cumprindo sua missão precípua (ajudar os jovens a conviver, a aprender e a passar do mundo juvenil para o adulto), precisa também trabalhar atitudes, normas e valores ao seu público.

Sobre tais questionamentos, a escola brasileira de modo geral apresenta grande distância entre seu *modus operandi* e a necessidade do seu alunado. Contudo, não se pode admitir que ela seja somente um estabelecimento de ensino, gradual e sistemático. A escola, no caso brasileiro, é também, e sobretudo, uma luz no fim do túnel para uma multidão de jovens, que a ela recorrem em busca de amigos, lazer, para substituir a família, o trabalho, o clube social. Ela, mesmo como inúmeros problemas, é indispensável tanto para quem a frequenta como para quem a abandona (CAIERÃO, 2008, p. 10).

Caierão (2008), como resultado de sua pesquisa, apresenta o que os jovens mais gostam e o que eles menos gostam na escola. O que mais gostam é: convivência, aprendizagem e o pertencimento ao universo estudantil. O que eles menos gostam é: não entender a matéria, não acompanhar a turma, conteúdos escolares distantes e alheios à vida juvenil, os modos como se realizam as avaliações, a rotina das aulas e algumas metodologias, falta de diálogo e distanciamento de alguns professores, entre outros. Nota-se que a relação de desprazer é bem maior que a de prazer. Isto quer dizer que os jovens pesquisados pela autora têm muito mais a desgostar do que a gostar na escola. Mesmo assim, eles ainda reconhecem o valor da escola para suas vidas. E a procuram pelos motivos antes mencionados. Esta pesquisa pode ser uma pequena mostra da realidade brasileira na sua média.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após tudo o que foi exposto acima, chega-se ao fim deste estudo, não para esgotá-lo de outras abordagens, o que seria recomendável, mas com a clara noção de que a escola precisa se ajustar em relação ao público jovem. Este estudo permitiu enxergar a problemática que envolve as relações dos jovens estudantes, tendo o tempo-espaço escolar como principal base de referência. Ao longo da análise, puderam-se apreender vários aspectos importantes, tais como a escola, a família, as redes sociais, as festas, os encontros sociais, e outros pertinentes à vida dos jovens brasileiros. Percebeu-se também que a escola ainda é valorizada pela maioria deles, embora reconheçam os problemas dessa instituição. Ela funciona como uma válvula de escape para os jovens menos aquinhoados pelo padrão social das elites.

Sabe-se que os jovens, ao chegarem à escola, encontram desafios a serem superados em sua trajetória de aluno. Contudo, ao adentrarem seus muros, não encontram respaldo suficiente e adequado para responder os anseios de suas

juventudes. No ambiente escolar, na maioria das vezes, são tratados e vistos de modo parcial, apenas como alunos. A escola ignora completamente a subjetividade do ser humano jovem que está em formação de sua identidade como cidadão, ser humano, profissional, filho, pai, mãe, e outras formas identitárias. A escola trata com indiferença as potencialidades, experiências, bem como suas necessidades e vocações. Ignora que a maioria deles tem dificuldades de frequentar seus bancos devido ao compromisso de trabalho, que faz sua participação na escola ser de modo fragmentado e aquém do mínimo desejado.

É necessário que seja assegurado aos jovens tanto o acesso quanto sua permanência na escola. E esta precisa aproximar-se da cultura juvenil, de maneira a possibilitar que realizem seus sonhos. O ambiente escolar não pode ser uma experiência frustrante para o aluno. A escola deve conhecer os sujeitos, jovens que a frequentam, seus limites e possibilidades, como pré-requisito fundamental no processo de acolhimento aos jovens. Os profissionais que lidam com o público jovem das escolas precisam de melhor capacitação e esforços frente a formação continuada dos professores devem ser empreendidos.

A instituição escolar deveria se constituir de múltiplas finalidades no tratamento aos jovens: preparação para o trabalho, preparação para a vida, apreensão de conhecimento como status e elevação da autoestima. Estas funções da escola poderiam se ajustar aos quatro pilares das carências juvenis: diálogo, reconhecimento, compreensão e ensino de qualidade. Entendendo que os jovens precisam da escola para formarem suas identidades.

Portanto, é preciso reforçar o vínculo (fragilizado hoje) dos jovens com a escola, no sentido de minimizar os problemas citados nas estatísticas do PNAD (2015), para garantir que esse tempo-espço que os jovens permanecem na escola lhes sirva de fertilizante para formarem suas identidades, aproveitando todo o potencial da escola em suas vidas, um ambiente de relações amigas, de reconhecimento das diferenças, de subordinação à autoridade escolar, e, sobretudo, adquirindo conhecimentos úteis para sua formação como pessoa humana, cidadão, trabalhador e outras formas de identidade.

REFERÊNCIAS

BARRAL, Gilberto Luiz Lima. **Brasília: espaço de lazer e cultura jovens: o caso de bares**. UnB. Instituto de Ciências Sociais, 2006. Dissertação de Mestrado. 133 fl.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 12.852, de 5 de agosto 2013. **Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm> Acesso em 20 ago. 2016.

_____. Presidência da República. Lei 8.069/1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Brasília, 13 jul 1990. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei8069_02.pdf> Acesso em 19 ago 2016.

_____. **Estudo do Ipea discute redução de maioridade penal e o mito da impunidade**. Brasília, 16 jun 2015. Disponível em:

<http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?id=25620&option=com_content&view=article> Acesso em 18 mai 2016.

BOSMA, H. A. **Identity in adolescence: managing commitments**. 1992. In G. R. Adams, T. P. Gullotta & R. Montemayor (Orgs.), *Adolescent identity formation*. Newbury Park, California: Sage.

BUENO, M. S. (org.). **Hospitalidade no jogo das relações sociais**. São Paulo: Editora Vieira, 2008.

CAIERÃO, Iara Salete. **Jovens e escola: sentidos e significados: um estudo em escolas públicas de Ensino Médio**. Porto Alegre, 2008. UFRS. Tese de Doutorado. 355f.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. Unesp, São Paulo. 1999.

CHARLOT, Bernard. **Os jovens e o saber: perspectivas mundiais**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FREITAS, M.V. (Org.) **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

Frezza, M., Maraschin, C., & Santos, N. S. (2009). Juventude como problema de políticas públicas. **Psicologia e Sociedade**. Porto Alegre, RS, 2009.

GROPPO, Luís. A. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultura na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Globalização comunicacional e transformação cultural**. In: MORAES, Denis de (org.). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MATTESON, D. R. Exploration and commitment: sex differences and methodological problems in the use of identity status categories. **Journal of Youth and Adolescence**, (1972).

PERRENOUD, P. **Formando professores profissionais. Quais estratégias? Quais competências?** 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

RONSONI, V., OLIVEIRA-CRUZ, M. & PREDIGER, S. “Malhação Identidade”: A Interação Juvenil na Cultura da Convergência. Santa Maria, 2012. **Revista Contemporânea**, em 2012. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/viewArticle/6069>>. Acesso em 20 ago. 2016.

SALEM, Tania. “Filhos do milagre”. **Ciência Hoje.**, volume 5, número 25, 1986.

STENHOUSE, Lawrence. **Investigación y desarrollo del curriculum**. Morata: Madrid. 1985.

SCHOEN-FERREIRA, Tereza Helena; AZNAR-FARIAS, Maria; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. A construção da identidade em adolescentes: um estudo

exploratório. Universidade de São Paulo. Rev. **Estudos de Psicologia**, **2003**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n1/17240.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2016.

THIESEN, Juares da Silva. Tempos e espaços na organização curricular: uma reflexão sobre a dinâmica dos processos escolares. **Educação em Revista**, vol. 27 no.1 - Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982011000100011> Acesso em 14 ago. 2016.

WASELFISZ, Júlio J. **Mapa da violência 2012: crianças e adolescentes do Brasil**. CEBELA/FLACSO, 2012. In: BRASIL. IPEA. Nota Técnica n.º 20. O Adolescente em Conflito com a Lei e o Debate sobre a Redução da Maioridade Penal: esclarecimentos necessários. Jun 2015. Brasília, 2015.

ZACARÉS, J. J. **El desarrollo de la identidad adolescente desde el paradigma de los status de identidad del ego: cuestiones críticas**. Comunicação apresentada no VI Congreso de la Infancia y de la Adolescencia, Oviedo. Espanha, maio de 1997.